



## A transformação da reportagem radiofônica externa a partir do uso dos *smartphones*: reflexões sobre as potencialidades tecnológicas em tempos de pandemia

Arnaldo Zimmermann<sup>1</sup>  
Valci Regina Mousquer Zuculoto<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** As transformações tecnológicas têm impactado no processo de evolução do radiojornalismo brasileiro ao longo de sua história, com reflexos diretos na produção das reportagens externas. Historicamente, o formato reportagem radiofônica evoluiu no compasso das adaptações da tecnologia, explorando características como a mobilidade e o imediatismo. Este artigo propõe algumas reflexões sobre o processo de transformação deste formato radiofônico a partir da evolução das ferramentas e do uso dos *smartphones*, alavancada no momento atual de pandemia e distanciamento social. A metodologia utilizada neste estudo é a análise documental e a revisão bibliográfica. O percurso teórico para a análise utiliza contribuições recentes de Silva (2013), Kischinhevsky (2016), Gambaro (2019), Saballa Jr. (2019), Zuculoto e Zimmermann (2020), além de Ferraretto e Morgado (2020)

**Palavras-chave:** Radiojornalismo; Reportagem Radiofônica; *Smartphone*; Tecnologias; Pandemia.

### 1. Introdução

O formato jornalístico reportagem radiofônica tem evoluído através dos tempos, sempre alavancado pelo surgimento de novas tecnologias que permitem a realização de

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Bolsista Capes. Mestre em Jornalismo pela UFSC. Especialista em Publicidade e Propaganda (FURB). Graduado em Jornalismo (UNISOCIESC). Graduado em Letras (FURB). E-mail: arnaldozimmermann@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora de graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Comunicação (PUCRS). Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor). Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa). Contato: valzuculoto@hotmail.com



transmissões externas ao vivo direto dos locais dos acontecimentos. A chegada do celular e sua evolução para *smartphone* alterou tanto as formas de consumo das informações como também auxiliou na retomada de uma relação direta do rádio com suas características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade, que até então haviam garantido ao meio o status de protagonista dos acontecimentos. Contudo, o distanciamento social durante a pandemia da Covid-19 em 2020 fez o rádio outra vez incorporar novas tecnologias móveis e aprimorar o uso e as habilidades do *smartphone*.

Apesar de considerada uma narrativa com diversas variáveis do acontecimento, a reportagem radiofônica também pode ser observada como uma versão mais compacta da informação quando comparada ao formato similar em outros meios. O boletim de reportagem, com duração mais reduzida, está presente em todas as emissoras com programação jornalística. Outras de suas formas radiofônicas menos compactas são a reportagem contextualizada, as séries de reportagens especiais e as grandes reportagens.

Este artigo reconstrói a trajetória da reportagem no rádio a partir da chegada e uso dos *smartphones* como elemento preponderante em todo seu processo de realização. No momento em que vivemos o encurtamento do lapso temporal entre o acontecimento e a transmissão de informações ao ouvinte, a velocidade de etapas de execução da reportagem, como apuração, produção e circulação, passa a depender cada vez mais dos aparatos tecnológicos à disposição nas emissoras. E mais do que nunca, quando as regras de higiene, isolamento e distanciamento social durante uma pandemia ditam todo processo de produção de conteúdo jornalístico, o rádio busca mais uma vez se adaptar para também guiar o ouvinte diante de fenômenos desconhecidos.

O objetivo geral deste artigo é evidenciar principais alterações na reportagem radiofônica a partir do momento em que os antigos aparelhos de celulares, já usados com frequência nas transmissões externas das emissoras, se converteram em *smartphones* e passaram a oferecer ferramentas adicionais ao processo de apuração, produção e transmissão do noticiário neste formato radiojornalístico. Como objetivo secundário, este trabalho traz apontamentos e reflexões iniciais sobre alterações na forma de realização de reportagens radiofônicas externas e no trabalho do repórter diante das adaptações tecnológicas na pandemia.

Ressaltamos que sobre o impacto das tecnologias na reportagem radiofônica no momento da pandemia é estudo ainda provisório, já que o fenômeno permanece em curso na conclusão do artigo, exigindo maior aprofundamento em observações e análises futuras. Assim, busca-se uma compreensão mais abrangente sobre a relação das tecnologias e o rádio, além da forma com que esse meio se apropria de tal evolução para se reinventar, resistir e sobreviver em um ambiente de convergência multimídia e de multiplataformas de produção, veiculação e transmissão.

As principais opções metodológicas são a análise documental e a revisão bibliográfica. É uma pesquisa exploratória que utiliza estudos sobre o uso de celulares e *smartphones* para a produção de reportagens radiofônicas. O percurso teórico para a análise parte dos conceitos sobre a reportagem no rádio brasileiro e os avanços tecnológicos que ampliaram sua mobilidade, como o *smartphone*, e é sustentado em trabalhos de Lopez (2009), Silva (2013), Gomes (2014), Kischinhevsky (2016), Gambaro (2019), Saballa Jr. (2019), Zuculoto e Zimmermann (2020) e as orientações sobre a cobertura jornalística durante a pandemia da Covid-19 em Ferraretto e Morgado (2020).

## **2. A reportagem radiofônica e a apropriação das tecnologias**

A reportagem, bem como o jornalismo em si, inexistiu na primeira fase do meio no Brasil, a do “Rádio Pioneiro”, compreendida do final da década de 1910 até a de 1930. Apesar do radiojornalismo ter nascido e avançado nas décadas seguintes no país, a reportagem ainda era praticamente ausente pelo menos até os anos de 1950 (BESPALHOK, 2005). Foi com o fim da chamada “Era de Ouro” no rádio e a chegada do período “Pós-televisão”, entre as décadas de 1950 e 1970, que as reportagens passaram a figurar e ganhar força nas emissoras brasileiras.

O potencial do rádio foi redescoberto no período graças às inovações tecnológicas da época. Uma delas foi o gravador magnético que, de acordo com Ortriwano (2002-2003, p.76), “deu ao rádio maior agilidade, mais versatilidade, barateou custos [...], permitiu também maior controle sobre o conteúdo das mensagens”, entre outros avanços, alterando a rotina de repórteres, que até então necessitavam de carregadores para transportar os antigos e pesados gravadores de rolo para realização



das entrevistas. “Esta também foi a época em que se reduziram peso e volume de equipamentos técnicos utilizados na produção, gravação e transmissão, o que possibilitou reportagens de rua, entrevistas fora de estúdio e ao vivo” (ZUCULOTO, 2012, p.101).

A fundamental inovação tecnológica que afetou o radiojornalismo no “Pós-televisão” foi o advento do transistor, aparelho miniaturizado que permitiu a mobilidade das pequenas estações de transmissão e de aparelhos receptores sem fio. Assim, foram potencializadas as principais características radiofônicas como mobilidade e imediatismo, alavancando a reportagem ao vivo e também garantindo a própria sobrevivência do meio (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020).

Mas se a década de 1950 foi preponderante ao avanço do radiojornalismo com o início da reportagem externa, a fase a partir da década de 1990 traz à tona novos equipamentos e redefinições tecnológicas que impactaram diretamente na produção de conteúdo do formato. Primeiro, foi a chegada do celular e da internet. A seguir, a evolução do celular para *smartphone* e a ascensão da web para parâmetros 2.0 e 3.0, alterando também as formas de consumo das informações, enaltecem as características de mobilidade, imediatismo, instantaneidade e ubiquidade que até então haviam garantido ao rádio o status de protagonista dos acontecimentos.

O celular chegou no Brasil em dezembro de 1990 (UOL, 2010). Com a novidade, o rádio reforçou seu caráter ao vivo. O repórter poderia ser acionado e entrar na programação a qualquer hora e de qualquer lugar, alterando radicalmente a relação espaço-tempo na produção da notícia (GOMES, 2014). O serviço de reportagem passou a ter um ganho em relação ao telefone sem fio das antigas unidades móveis, rompendo os últimos obstáculos à mobilidade na produção, aumentando também a autonomia técnica dos jornalistas (MEDITSCH, 2007, p.116). Castells *et al.* (2006, p.19) chegou a se referir ao celular como a tecnologia de maior penetração, ao passo que a comunicação sem fio se espalhou mais rapidamente do que qualquer outra tecnologia de comunicação na história.

Outro aspecto que o celular trouxe para as reportagens externas, foi a discrição da presença do repórter nas ruas, ao contrário de um período anterior, onde o profissional era obrigado a se manter próximo de sua Unidade Móvel alimentada à

bateria do automóvel da emissora. Essa “invisibilidade” do equipamento que o celular propiciou, confirma a “profecia” de Weiser (2006 apud ALVES, 2007, p.7) de que, no futuro, computadores estariam presentes nas atividades do dia-a-dia, mas sem serem percebidos. Alves (2007, p.7) sustenta que os aparelhos celulares se tornaram cada vez mais invisíveis à medida que a evolução tecnológica permitiu que eles reduzissem de tamanho, “tornando-se uma tecnologia ‘vestível’”, a ponto de sua presença ser quase imperceptível.

Com o celular virando a principal ferramenta de trabalho do repórter após a década de 1990, a comunicação direta do profissional na rua com a emissora e as fontes também foi alterada. Ribeiro (2005, p.170) destaca que permitiu encontrar a fonte em qualquer hora e lugar, bastando manter o aparelho ligado e estando em uma região onde o serviço de telefonia fosse oferecido. Os entrevistados passaram a ser localizados e ouvidos mesmo em deslocamentos (GOMES, 2014), tanto em conversa por áudio como por mensagens de texto. A predominância do uso dos celulares pelas rádios foi de aplicação sonora no início, mas a tecnologia já permitia a transmissão de textos via SMS (*Short Messaging Service*) e internet (ZUCULOTO; ZIMMERMANN, 2020, p.232).

### **3. A chegada dos *smartphones* como ferramenta de trabalho dos repórteres**

A conversão dos antigos telefones celulares em *smartphones* a partir do novo milênio representou não apenas modernização no formato dos aparelhos de comunicação pessoal. Sua funcionabilidade foi muito além das mudanças de teclas físicas para o teclado digital e o início de uma cultura de *touchscreen*. O *smartphone* passou a servir como um importante mediador das relações pessoais com a mídia (GAMBARO, 2019).

A introdução do *smartphone* com as funcionalidades conhecidas hoje veio com o Iphone da Apple, em 2007, já acessando a internet 2G, mídias sociais e vários aplicativos, servindo ainda como telefone para realizar ligações (GAMBARO, 2019).

Além de ter transformado também os hábitos de escuta radiofônica e de conteúdos em áudio através dos *smartphones*, a rotina radiojornalística mais uma vez

foi alterada com a chegada de uma nova tecnologia. Os gravadores digitais, que haviam acabado de evoluir dos antigos analógicos, passaram a fazer companhia com os gravadores embutidos nos próprios *smartphones*. Embora os antigos celulares também já possuíssem tal acessório, o que se ganhou foi “a potencialização da emissão diretamente do local através das redes digitais ou do próprio celular, inclusive a disponibilização em *podcasts*” (SILVA, 2013, p.94). O autor ainda considera que:

Com o surgimento dos celulares digitais multimídia (*smartphones*) os repórteres passaram a ter num mesmo dispositivo os aspectos de recepção (rádio), produção (gravador digital) e emissão (centrado nas conexões sem fio). Este contexto móvel se instala nas redações convergentes. Este último aspecto, o de emissão, consideramos o maior diferencial porque permite a mobilidade/ubiquidade para o envio do material produzido. (SILVA, 2013, p.94)

Neste mesmo sentido, Fidalgo (2013, p.15) considera que a produção radiofônica passou a ser praticamente digital: “mesmo nas rádios mais tradicionais o que é difundido analogicamente produz-se digitalmente”. A mobilidade, característica que ganhou vida com o transistor e foi impulsionada com os celulares, ganha novo tônico com os *smartphones*. Cunha e Avrella (2019, p.8) entendem que, com os avanços técnicos, é “na programação jornalística que conseguimos notar algumas das principais marcas do veículo rádio, tanto em termos de produção quanto de conteúdo”. No mesmo entendimento, Gambaro (2019) considera que:

No caso do jornalismo, a tecnologia impactou tanto os modos de produção como a própria forma do conteúdo. [...] Hoje, com o *smartphone*, alguns processos de redação e de publicação on-line podem ser conduzidos enquanto o profissional está em trânsito. Assim, a presença ao vivo do repórter e entrevistas tomadas fora da redação se tornaram elementos recorrentes (p.191).

O autor, no entanto, compreende que as funções do repórter foram alteradas com o *smartphone*, muito mais do que já haviam se transformado com o antigo celular. O profissional de rádio passou a cumprir outras tarefas durante as externas, pois consegue ainda ser o primeiro a dar a notícia com fotos, vídeos e texto a partir do seu *smartphone*, para em seguida entrar ao vivo na programação (GAMBARO, 2019, p.258). Os dispositivos promoveram uma alteração nas etapas de criação/produção, edição, distribuição e consumo nas emissoras de rádio (KISCHINHEVSKY, 2016), gerando

também múltiplas funções pela extensão tecnológica das capacidades e habilidades dos profissionais (FERRARETTO; MORGADO; SABALLA JR., 2018).

Quanto às novas funções exercidas pelo repórter a partir da integração dos *smartphones*, cabe trazer uma nova implicação à realização das reportagens radiofônicas. Na observação participante junto à equipe de reportagem da Rádio Gaúcha de Porto Alegre (RS), Saballa Jr. (2019) destaca a questão do tempo gasto pelos repórteres na realização de suas tarefas. O ambiente de permanente *breaking news* adotado pela emissora faz com que o **tempo de apuração** seja o mais curto possível, em função da concorrência das redes sociais e o risco de que o assunto já tenha repercutido através da velocidade dos próprios celulares. O **tempo no ar**, segundo a pesquisa, é com o predomínio de inserções curtas e objetivas. E o **tempo para outras atividades** se expande na medida em que o profissional necessita, agora, publicar versões em texto das reportagens que foram ao ar na rádio, tirar fotos durante a pauta, gravar vídeos e fazer transmissões ao vivo em imagens (SABALLA JR., 2019, p.161).

Na mesma pesquisa de Saballa Jr., é possível constatar algumas alterações na dinâmica de produção das reportagens radiofônicas, tomando o exemplo da Rádio Gaúcha. Além do abandono do bloco de papel para escrever o texto de apoio nas entradas ao vivo, os repórteres costumam anotar as informações nos celulares, que já servem para publicação posterior no site da emissora ou até mesmo com anotações direto nas redes sociais. O autor elenca os equipamentos levados às ruas pelos repórteres da emissora a cada reportagem: um *smartphone* da emissora; um *smartphone* pessoal; um celular modelo antigo apenas para fazer ligações em situações de emergência; Access24 – equipamento para transmissão de áudio com qualidade semelhante à de estúdio; bastão de selfie para transmissões em vídeo; rádio portátil e fones de ouvido; tripé para o *smartphone*; bateria portátil recarregável para *smartphone*. (SABALLA JR., 2019, p.69-70)

Outra alteração recente que os *smartphones* trouxeram à reportagem radiofônica, bem como ao radiojornalismo em geral, foi o uso de aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp. A ferramenta passou a ser usada pelas emissoras do Brasil a partir de 2013, mas como forma de participação do ouvinte na programação (KISCHINHEVSKY, 2016). No jornalismo radiofônico, é muito comum que ouvintes

enviem à emissora informações sobre o trânsito ou o tempo, ou ainda em forma de perguntas para entrevistados, que podem ser resumidas em leitura pelos locutores no estúdio ou veiculadas em áudio no ar (GAMBARO, 2019, p.262).

O WhatsApp serve também como fonte de informações aos repórteres durante a cobertura jornalística, recebendo detalhes sobre os acontecimentos em curso direto de suas fontes ou de grupos específicos, virando ferramenta imprescindível para pautas (SABALLA JR., 2019, p.74-75). Além disso, é frequente o uso do aplicativo pelos repórteres para realizarem entrevistas, enviando perguntas em texto ou áudio e recebendo as sonoras dos entrevistados.

Com a utilização do áudio pelo WhatsApp, o controle de tempo e de distribuição síncrona e assíncrona dos áudios fica mais evidente. Além da distribuição de áudios de ouvintes na programação jornalística, os próprios repórteres têm a opção de gravar suas entradas na programação e enviar o áudio via aplicativo, deixando o controle de distribuição a cargo de quem está no estúdio mediando as interações internas e externas. Quando o flagrante do acontecimento ou o entrevistado não podem esperar a abertura de espaço na programação, o repórter ganha a alternativa de “gravar ao vivo” o fato e disponibilizar o material à emissora para que seja veiculado nos minutos seguintes, por exemplo.

Essas transformações nos modos de produção e distribuição das informações no rádio e em outros meios de comunicação estão afetadas pelo conceito contemporâneo de mobilidade no jornalismo. Silva (2013) define o paradigma como “jornalismo móvel digital”, que, segundo ele, estaria em sua quinta fase, a da **Alta performance** e era **Pós-PC**. Este período, após o ano de 2010, vem ocorrendo quando o jornalismo se beneficia de um conjunto de tecnologias de alta velocidade. Conforme a classificação do autor, as fases anteriores foram a Tele-analógica, entre 1960 e 1970, com tecnologias analógicas como gravadores de rolo; a Portátil analógica, na década de 1980, com os então emergentes gravadores analógicos portáteis com fitas magnéticas para as emissoras de rádio; a da Mobilidade expansiva, na década de 1990, com o jornalismo usando redes digitais de telefonia para envio de conteúdos por voz e dados, entre outros; a fase Ubíqua, dos anos 2000 até 2010, quando *smartphones* e outros equipamentos consolidam o jornalismo móvel digital (SILVA, 2013, p.109).



#### **4. O *smartphone* e as tecnologias no cenário de pandemia e distanciamento social**

Se a consolidação da mobilidade digital no rádio veio com o uso do *smartphone*, o período de cobertura jornalística na pandemia da Covid-19 tensionou repórteres, produtores e apresentadores a acelerar a incorporação de novas tecnologias móveis, capazes de encurtar o distanciamento físico entre veículo de comunicação, fontes e acontecimento.

A necessidade de distanciamento social, quarentenas, regras de higiene e isolamento acabou modificando os conceitos tradicionais de mobilidade no rádio, onde a instantaneidade e o imediatismo já não se aplicam, exclusivamente, via presença do repórter no palco dos acontecimentos. Ferraretto e Morgado (2020) comparam a cobertura jornalística da pandemia à cobertura de uma guerra ou de conflitos urbanos entre policiais e criminosos. “A possibilidade de contaminação e a necessidade de confinamento impõem uma nova atitude no caso de reportagens” (p.16-17).

Segundo os autores:

Com a migração para o *home office*, materiais em áudio, fotografia e vídeo fornecidos por assessorias de comunicação tornaram-se fundamentais para o cotidiano de quem trabalha com jornalismo. Em muitos casos, ampliou-se algo que já vinha ocorrendo com as próprias fontes, disponibilizando esses conteúdos para o profissional. O mesmo ocorre, de modo mais acelerado, com o envio desses materiais pelo público. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.17)

Repórteres dos diferentes meios de comunicação passaram a apurar matérias fazendo levantamento de informações (de dentro da redação ou de casa) lendo publicações científicas e decretos governamentais para, em seguida, entrevistar suas fontes por telefone, e-mail ou envio de mensagens por aplicativo em forma de texto, áudio ou vídeo.

No caso do rádio, a facilidade de transmissão de conteúdo em áudio, acabou gerando uma certa vantagem em relação a trabalhos semelhantes realizados por jornalistas para a TV, por exemplo. Em entrevista ao portal de notícias Coletiva.net (2020), a diretora de conteúdo da Rede Pampa do Rio Grande do Sul, Marjana Vargas,

explica que é mais fácil organizar a estrutura de rádio do que televisão, nessa adaptação de equipamentos e transmissões do estúdio para ambientes de *home office*. De acordo com Vargas, as modernas tecnologias de transmissão de áudio permitem maior liberdade e segurança, além de consumir uma quantidade de dados de internet muito menor do que as imagens de TV.

Ainda assim, para muitos profissionais de rádio que têm trabalhado em *home office* durante a pandemia, a maior reclamação acaba sendo mesmo a conexão da internet, já que em muitos casos, equipamentos de áudio não chegam a ser um problema, uma vez que algumas emissoras deslocam os aparelhos para a residência do repórter. Nas entrevistas da Coletiva.net (2020) com representantes de emissoras de rádio do Rio Grande do Sul, os relatos sugerem um certo grau de facilidade quanto à adaptação técnica durante a pandemia. Nando Gross, gerente geral da Rádio Guaíba, explica que os equipamentos da emissora foram espalhados em diversos *home office*, mas o maior obstáculo enfrentado foi a conexão da internet nas residências dos profissionais. Já para Andressa Xavier, editora-chefe da Rádio Gaúcha, os equipamentos levados para as casas dos repórteres, produtores, editores e apresentadores são os mesmos que a emissora usava para a reportagem nas ruas, que já possuíam som com qualidade de estúdio. Leonardo Meneghetti, diretor geral da Band FM, relata que a tecnologia tem sido uma grande aliada em momentos como este, já que há aplicativos e recursos técnicos de fácil acesso para as transmissões, como o Skype, por exemplo, sem necessidade de entrevistas em estúdio (COLETIVA.NET, 2020).

Para Ferraretto e Morgado (2020), algumas práticas de *home office* e trabalho remoto adotadas pelas emissoras podem, inclusive, ser mantidas após o fim da pandemia para algumas situações:

Antes da pandemia de covid-19, já se verificavam iniciativas em que o jornalista tinha a maioria das suas atividades migradas do computador na redação com interação face a face com seus colegas para o celular com todos os contatos realizados via WhatsApp. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.23)

Para os autores, algumas das mudanças ocorridas ou reforçadas nos últimos meses e que podem ser mantidas no período pós-pandemia seriam o “incremento da produção e disponibilização de conteúdo em múltiplas plataformas” através de profissionais exercendo em definitivo diversas funções, a “consolidação da mistura

entre tempo de trabalho e tempo livre” e ainda outras mudanças que surgirão na forma do produto final (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.46-47).

Além do uso de equipamentos em *home office*, com o jornalista distanciado fisicamente de suas fontes, inevitáveis trabalhos externos acabam requerendo cuidados durante a pandemia. Alguns deles são a higienização dos equipamentos (celular/smartphone, microfone) e o uso de adaptadores no celular para que entrevistados e repórteres segurem microfones diferentes, respeitando um distanciamento mínimo de dois metros.

Outro aspecto evidenciado no período da pandemia da Covid-19 e que traz novamente o *smartphone* como aliado do repórter e da informação é o combate às chamadas *fake news* e um retorno à credibilidade depositada pelo público nos veículos tradicionais de comunicação. Em um momento de circulação de informações duvidosas a respeito do enfrentamento ao novo coronavírus, a prevenção à propagação das *fake news* também ganha fôlego no trabalho remoto, como nos aplicativos instalados nos *smartphones*. Ferraretto e Morgado (2020) sugerem o uso de “grupos de WhatsApp sem a possibilidade de comentários, mas geridos por profissionais competentes e voluntariosos” ao invés de fomento a redes sociais como o Facebook, que exigem maior mediação, evitando-se assim os inúmeros comentários com conteúdos originados das notícias falsas (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.35).

Neste sentido, a instantaneidade dos novos acontecimentos cruza com o imediatismo facilitado pelo *smartphone*, tanto para o repórter como para o ouvinte-internauta. É um novo acerto do compasso entre a evolução da tecnologia para o usuário e as possibilidades do trabalho externo da reportagem radiofônica.

## **5. Considerações finais**

A reportagem radiofônica na contemporaneidade está inserida em um cenário diverso daquele que se conheceu em seus primórdios da década de 1950. As possibilidades tecnológicas do momento em que vive tensionam o formato a se adaptar para, mais uma vez, garantir a sobrevivência do meio em que está inserido.

Ao revisitar os principais percursos trilhados por outros pesquisadores, este artigo buscou uma reflexão inicial sobre o potencial da reportagem radiofônica no



contexto tecnológico contemporâneo, incluindo sua inserção no período de pandemia e distanciamento social. Com o foco deste trabalho voltado à utilização do *smartphone* como ferramenta principal no uso das reportagens, expande-se a mesma reflexão para o uso das tecnologias pelo rádio e pelo radiojornalismo.

Uma primeira conclusão possível neste artigo é a reafirmação de que as inovações tecnológicas estão justapostas ao jornalismo radiofônico. Ao revisar o processo de incorporação de cada nova tecnologia ao meio rádio e à reportagem radiofônica, torna-se mais nítido o olhar sobre os fenômenos da contemporaneidade. No mesmo processo em que o transistor permitiu a mobilidade e o imediatismo para a realização de reportagens externas, o telefone celular deu ao repórter a autonomia física de deslocamento diante do acontecimento. E a chegada dos *smartphones* manteve tais características, ampliando a capacidade de produção e distribuição do conteúdo, inclusive para além do áudio.

Esta nova gama de significados contribui para a evolução do formato e sua inserção nos hábitos contemporâneos de consumo de informação. Ao produzir com o mesmo equipamento (o *smartphone*) que o ouvinte-internauta utiliza para recepção, o repórter passa a se conectar com as ações da audiência, encurtando o caminho sensorial entre emissores e receptores com o compartilhamento de linguagens e operacionalidades, suscitando, por fim, uma maior sensação de horizontalidade no processo comunicativo.

Outra conclusão possível, ao observar o fenômeno da relação da reportagem radiofônica com a pandemia, é o espaço do repórter. Por muito tempo a rua foi o lugar do repórter, por sua proximidade física do acontecimento. Já em tempos de pandemia, o seu lugar se estende diante do domínio de múltiplas plataformas e aplicativos que, de maneira mais instantânea e imediata do que a própria rua, lhe garantem uma maior aproximação com o fato e com as fontes. O imprevisto e a naturalidade nas transmissões externas ao vivo passam a se somar a uma certa informalidade do ambiente no *home office*, embora seja válido ponderar sobre os cuidados para que esta ausência de cerimônias do ambiente familiar não se sobreponha à responsabilidade profissional.

Contudo, essa maior dependência contínua dos aparatos tecnológicos como instrumentos de observação, produção, checagem e circulação da informação leva o

repórter a um risco de inserção a um estado de hipervigilância, onde, conforme observam Ferraretto e Morgado (2020), já não há mais distinção entre o tempo de trabalho e o tempo livre.

Por outro lado, se podemos questionar o possível prejuízo ao processo de apuração da informação da reportagem diante da aceleração do tempo com o fenômeno da webemergência, também é de se destacar que o fato de o repórter compartilhar vídeos, imagens e textos nas plataformas da emissora, além do áudio transmitido na programação sonora, gera um novo tipo de aproximação entre o fato narrado e o público.

Da mesma forma que outros meios de comunicação se apropriam do áudio como alternativa para a difusão de seus conteúdos, sobretudo através do expediente do *podcast*, o rádio também expande seu horizonte ao registrar o fato por meio de outras matrizes de linguagem em suas reportagens externas. Mesmo que também faça uso de equipamentos acessórios, centraliza essa produção e distribuição no *smartphone*, como aparelho indispensável ao trabalho de reportagem.

Diante desses avanços, a reportagem radiofônica e o radiojornalismo aproveitam a oportunidade de manter constante a conexão com seu público, oferecendo ao ouvinte conteúdo auditivo se ele está em movimento, e conteúdo visual e textual quando parado.

Atendendo ao objetivo principal deste trabalho, registra-se, assim, que não há ainda uma transformação ampla e generalizada no processo de apuração, produção e transmissão dos conteúdos da reportagem radiofônica com a chegada dos *smartphones* e outros aparatos tecnológicos, dentro ou fora da cobertura de uma pandemia. Mas, sim, há um avanço deste formato em seu processo de inserção no novo ecossistema jornalístico que está surgindo.

## Referências

ALVES, Jucélia. Tecnologia celular: uma convergência de mídias para a aproximação de públicos. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1697-1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

BESPALHOK, F. L. B. Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro. *In*: Congresso Brasileiro

da Comunicação, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais[...]** São Paulo: INTERCOM, 2005.  
Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1337-1.pdf>  
Acesso em: 01 fev. 2020.

CASTELLS, Manuel. *et al.* **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006.

Celular completa 20 anos de sua chegada ao Brasil nesta quinta-feira. **UOL**. São Paulo, 30 dez. 2010. Disponível em:  
<https://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2010/12/30/celular-completa-20-anos-de-sua-chegada-ao-brasil-nesta-quinta-feira.jhtm>. Acesso em: 23 jul. 2020.

Como as rádios de notícias gaúchas estão atuando no período de pandemia? **Coletiva.net**. 02 jun. 2020. Disponível em:  
<https://coletiva.net/comunicacao/como-as-radios-de-noticias-gauchas-estao-atuando-no-periodo-de-pandemia,359878.jhtml>. Acessado em: 20 jul. 2020.

CUNHA, Márgda Rodrigues da; AVRELLA, Bárbara. O radiojornalismo no contexto do software. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 04-21, jan./jun. 2019.  
Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>. Acesso em 04 fev. 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando; SABALLA JR., Léo Henrique. O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios (2018). *In.*: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018. São Paulo, SP. **Anais[...]** São Paulo: SBPJor, 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação**: um guia prático para enfrentar a crise. Rio de Janeiro: Válega, 2020. 62p. Disponível em:  
<http://bit.ly/livroner>. Acesso em 13.07.2020.

FIDALGO, Antônio. O celular como radio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular. *In.*: BARBOSA, Suzana e MIELNICZUK, Luciana Pellin (org). **Jornalismo e Tecnologias móveis**. 2013. p. 11-23. Disponível em: [http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130522-201302\\_susana\\_luciana\\_jornalismotechmoveis.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20130522-201302_susana_luciana_jornalismotechmoveis.pdf). Acesso em 01 fev. 2020.

GAMBARO, Daniel. **A instituição social do rádio**: (re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático. 2019. Tese. (Doutorado) – Programa em Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GOMES, J. **Impactos da mobilidade do rádio na produção do radiojornalismo**: um estudo dos programas Gaúcha Repórter e Notícia na Tarde. 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:  
<http://www.bu.ufsc.br/teses/PJOR0065-D.pdf>. Acesso em: 01 fev., 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LOPEZ, D. C. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. *In: KLÖCKNER, L.; PRATA, N. (org). **A história da mídia sonora**: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 466-482.*

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

ORTRIWANO, G. S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de uma história. *In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dez/fev. 2002-2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33808/36546/>. Acesso em: 01 fev. 2020.*

RIBEIRO, Ângelo Augusto. O uso de telefones celulares para a produção de conteúdo: viabilidade, possibilidades e necessidades. *In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 169-174, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2214/1863>. Acesso em: 01 fev.2020.*

SABALLA JR., Léo Henrique. **A mudança do padrão de emissão na reportagem da Gaúcha**: uma análise da preponderância do ao vivo na fase da convergência. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. ZIMMERMANN, Arnaldo. Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias. **Revista Âncora**, João Pessoa-PB, v. 7 n. 1, pp. 220-238, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/51297>. Acesso em: 13 jul. 2020.